

Faculdade de Educação – USP
Programa de Pós-Graduação - 2º Semestre de 2005
Seminários de Estudo em Epistemologia e Didática
Coordenador: Prof. Nílson Jose Machado

Avaliação, Ciclos e Progressão

Afonso Martins Andrade.

afonso@usp.br

http://geocities.yahoo.com.br/prof_afonso

❖ **Avaliação: Algumas questões históricas**

Os movimentos de pesquisa que ocorrem no início do século XX (da década de 20 à década de 50) refletem uma produção relativa voltada para a avaliação da aprendizagem, com ênfase nos testes e medidas.

Com Edward Thorndike ganharam relevância os testes e medidas educacionais, enfatizando-se a importância de mensuração do comportamento humano, o que resultou no desenvolvimento de testes padronizados para medir habilidades e aptidões dos alunos. (Souza e Alavarse, 2003, p. 72)

A ênfase econômica, inspirada na teoria do capital humano, dada a partir da década de 60, acompanha as mudanças no cenário político e social do país. Os movimentos de integração do capital internacional direcionam a educação para a formação profissional voltada para o mercado de trabalho, denunciando a incapacidade da escola em suprir o mercado de trabalho de mão de obra qualificada. Por meio da escola, a população assimilava as novas relações industriais; a disciplina e o controle do tempo tornaram-se importantes para a aquisição do comportamento desejável para a produção industrial, pela relevância em relação a manutenção da ordem e do aumento da produtividade.

"Os alunos vêm-se assim inseridos dentro de relações de autoridade e hierarquia, tal como deverão fazê-lo quando se incorporarem ao trabalho. Em parte, esta autoridade baseia-se diretamente em sua condição não adulta, mas o faz sobretudo na legitimidade concedida à escola pela sociedade, em suas exigências como organização e numa suposta necessidade pedagógica. A submissão à autoridade aprendida no seio da família não constitui uma base preparatória suficiente para a autoridade no local de trabalho." (Enguita, 1989, p. 164)

As pesquisas feitas a partir da década de 80 foram capazes de recolher informações que nos possibilitam a compreensão dos princípios e finalidades norteadores dos processos de avaliação no contexto escolar. Este material procurou desvelar mecanismos, regras, relações, verdades, rituais, silêncios, princípios e práticas revelando toda uma natureza classificatória, seletiva e autoritária dos processos de avaliação usados no âmbito escolar. A

sociedade (alunos, pais, professores, etc) ao reunir e assimilar , direta ou indiretamente, as diferentes concepções e vivências de avaliação, acaba confundindo e tendo interpretações errôneas a cerca das diversas abordagens e perspectivas do sistema seriado e classificatório da escolarização com os procedimentos de atribuição de notas e de seleção dos alunos que são promovidos para as series subseqüentes.

Logo o foco principal estabelecido nas relações escolares distancia-se cada vez mais do ensino para orientar-se na decisão de aprovação ou reprovação, favorecendo desta maneira a transmissão do saber escolar desvinculado da cultura de origem do aluno, isto é, **convertem-se desigualdades sociais em fracasso escolar.**

Sendo assim evidenciamos que o projeto educacional em vigor em nossas escolas é o da reprodução cultural e econômica das relações de classe impostas pelo grupo dominante, a exclusão, torna-se legítima ao passo que não se aplica a alunos que se enquadram no modelo sugerido e imposto.

A organização escolar pautada quase que exclusivamente em suas decisões e ações, esta voltada para o trabalho individual e de competição que tem como único objetivo a classificação e seleção dos alunos, tornando inerente o processo de exclusão. Contudo dentro das novas premissas e projetos educacionais e sociais com os quais a escola esta comprometida, a exclusão, torna-se incompatível com a realização do direito de todos à educação escolar de qualidade.

Não basta ter acesso aos estudos teóricos sobre avaliação que tem sido produzidos ou as criticas que são feitas às praticas em uso. Apesar de sua importância como subsidio na reflexão e na construção das iniciativas necessárias a implementação de políticas transformadoras do significado da avaliação escolar, cabe também lembrar do caráter exercido pela avaliação educacional de propiciar o **monitoramento** das técnicas e processos utilizados pelo sistema.

O termo **monitoramento** nem sempre expressa uma mesma idéia. O dicionarista Houaiss (2001) menciona, entre outros, os seguintes usos do termo: (1) vigiar, verificar visando a determinado fim; (2) acompanhar o decurso de uma operação, ou máquina, etc.; (3) rastrear, medir e/ou analisar dados científicos levantados por aparelhagem específica. Fletcher (1995, p. 98, grifo do autor) esclarece que *"um sistema de monitoramento requer um levantamento recorrente das informações a intervalos regulares e previsíveis com o propósito de produzir um juízo de valor sobre a condição, estado, direção ou taxa de crescimento de um sistema ou um de seus componentes no contexto das responsabilidades assumidas por uma cadeia administrativa da ação"*. O monitoramento propicia recuperação da informação, acumulação desta em nível central, sua circulação e difusão (FILP et al.). Conforme definição da CEPAL (Comissão Econômica das Nações Unidas para a América Latina e Caribe - 1995) monitoramento se relaciona com a "gestão administrativa" e consiste no exame contínuo ou periódico sobre a operacionalização do previsto, visando a controlar o cumprimento do que foi estabelecido. Laurence Wolff (1997), principal oficial de operações do Banco Mundial, em relatório sobre *avaliações educacionais na América Latina a partir de 1991* ressaltou que são vários os componentes de um sistema de monitoramento de metas educacionais , cotando: avaliações nacionais, acompanhamento dos resultados quantitativos do ensino, avaliação dos insumos, aferição da pedagogia e interações nas salas de aula, análise de desempenho de egressos no mercado de trabalho. (Freitas, 2005,)

A partir desta visão "globalizada" de avaliação percebemos algumas tendências no tratamento dado ao processo avaliativo. O que deveria ser visto como diferença, quando observado pelo prisma da desigualdade, torna-se algo a ser superado. Portanto, ao invés de procurarmos minimizar ou superar a desigualdade, exercemos a discriminação, separando aqueles alunos que não se enquadram naquilo que é definido como padrão "mínimo" esperado de desempenho escolar.

❖ **Avaliação no Ciclo: alguns conceitos e estratégias.**

Existem inúmeras dificuldades em conceituar o termo ciclo na educação brasileira dado o emprego generalizado da expressão "ciclos", na literatura, na legislação e em documentos de varias redes públicas de ensino do país, para caracterizar uma organização de ensino oposta à seriação. Uma vez que estão sendo implantados ciclos de não passam de amontoados de series, ciclos de competência, de ensino-aprendizagem, de progressão continuada, contudo a lógica da seriação não é alterada e por vezes é até reforçada, apenas para viabilizar o fluxo de alunos amenizando o processo de retenção, conforme Miguel Arroyo. (Arroyo, 1999)

Os complicadores na conceituação dos ciclos atuam de forma generalizada em todo o mundo, não sendo portanto um fenômeno exclusivamente brasileiro , conforme constata Perrenoud:

"Qualquer que seja o processo e seu nível de desenvolvimento, a organização da escola em ciclos de aprendizagem permanece ainda como um projeto, uma vez que nenhum sistema educacional de fala francesa conseguiu implantar em larga escala uma escola sem series que promova apenas ciclos de aprendizagem para serem percorridos em dois, três ou quatro anos. O que se observa por ora é principalmente uma vontade de acabar com as barreiras das series adjacentes, de tornar as progressões mais fluidas, abolindo ou limitando a repetência, de levar os professores a gerir um ciclo de maneira solidária, mediante um trabalho de equipe, se possível, no interior de um projeto da escola" (Perrenoud, 1999, pp 8).

O processo avaliativo, na realidade é o que sofre o maior ataque com a implantação do sistema de ciclos, tornando a sua re-significação na pratica escolar uma necessidade capaz de tornar a reorganização do processo educativo uma realidade. Uma vez que a avaliação, tal como esta posta, concebida e vivenciada na maioria das escolas , tem-se constituído como o principal instrumento de manutenção da lógica de organização do trabalho escolar e capaz de ser o mecanismo legitimador do processo de exclusão e fracasso no ensino.

O objetivo maior é colocar os processos avaliativos a serviço da reorganização e democratização da escola, este deve contribuir, enquanto processo, para o avanço do conhecimento sobre o contexto em análise, buscando informações que sejam capazes de revelar intencionalidades, evidenciar tendências, produzir subsídios capazes de construir respostas e propostas de intervenção que potencializem a concretização do sonho de uma escola de qualidade para todos, onde o aluno não estuda para passar de ano, mas para aprender.

Logo, a implantação efetiva do sistema de ciclos esta intimamente ligada a mudanças no processo de avaliação. O respeito à individualidade e singularidade do aluno em processo de desenvolvimento e aprendizagem não comporta o estabelecimento de padrões rígidos e fixos que não observem as particularidades relativas às questões sociais e as de contexto de

vida a que estão sujeitos estes alunos. Não é possível estabelecer critérios únicos no momento de avaliar situações e pessoas diferentes, portando estabelecer critérios distintos que sejam capazes de respeitar as diferenças e a heterogeneidade dos grupos se faz necessário e urgente, para que possamos nos redimir, minimamente, do processo de exclusão imposto ao sistema de ensino nas ultimas décadas.

O especialista em avaliações, Michel Patton, coloca a origem da avaliação na própria criação do mundo, e que na falta de uma avaliação mais criteriosa, é mais ou menos assim:

“No principio Deus criou os céus e a terra e ao observar o que havia criado disse”:

_ Vejam só como é bom e belo o que fiz!

E esta foi a manhã e a noite do sexto dia.

No sétimo dia Deus descansou. Foi então que seu mais querido arcanjo veio e lhe perguntou:

_ Senhor, o que fez é belo, mas como sabe se o que fez é bom? Quais são os seus critérios? Em que dados se baseia o seu juízo? Que resultados, mais precisamente. O Senhor estava esperando? O Senhor por acaso não está envolvido demais em sua criação para fazer uma avaliação desinteressada e imparcial?

Deus passou o dia pensando sobre estas perguntas e à noite teve um sono bastante agitado. No oitavo dia deus chamou seu mais querido arcanjo e falou:

_ Lúcifer, vá para o inferno!

E provavelmente assim nasceu, iluminada de gloria e bênçãos, a avaliação.

❖ Bibliografia

- ALAVARSE, Ocimar Munhoz: "Ciclos:a escola em (como) questão", Dissertação de Mestrado em Educação, FEUSP, São Paulo, 2002
- AQUINO, Julio Groppa (organizador): "Erro e Fracasso na Escola : Alternativas Teóricas e Práticas", SUMMUS Editorial, São Paulo, 1997.
- ARROYO, Miguel G.: "Ciclos de desenvolvimento humano e formação de educadores", Educação & Sociedade, vol.XX, nº 68, Campinas, 1999.
- ENGUITA, Mariano F.: "A Face Oculta da Escola: educação e trabalho no capitalismo", Artes Medicas, Porto Alegre, 1989.
- FREITAS, Luiz Carlos (org.): "Avaliação: construindo o campo e a critica", Ed. Insular, Florianópolis, 2002.
- FREITAS, Luiz Carlos (org.): "Questões de avaliação educacional", Ed. Comedi, Campinas, 2003.
- HADJI, Charles : "Avaliação Desmistificada", ARTMED, Porto Alegre, 2001
- MACHADO, Nílson José: "Matemática e Realidade", Cortez Editora, São Paulo, 2001
- PATTON, Michael Quinn: "Qualitative Evaluation and Research Methods", Sage, Newbury Park, 1990.
- PERRENOUD, Philippe: "Profissionalização do professor e desenvolvimento de ciclos de aprendizagem", cadernos de Pesquisa, nº 108, S. Paulo, 1999.
- SOUSA, Sandra M. Z. e ALAVARSE, Ocimar M.: "A avaliação nos ciclos: a centralidade da avaliação", Ed. Comedi, Campinas, 2003.